

Bacon, os *Idola Theatri* e a História da Filosofia

Bacon, the Idola Theatri and the History of Philosophy

Edmilson Menezes¹

Resumo: Objetiva-se com este trabalho, sobretudo, entender o uso da história da filosofia quando Bacon faz referência às falsas noções (chamadas de *idola theatri*) que se transferem para o espírito dos homens por meio das escolas filosóficas. Trata-se de uma abordagem introdutória que procura expor como a história da filosofia configura-se não somente em concordância com um modo de inteligibilidade do passado, mas também como elaboração do passado sob a forma de uma leitura contrastada do pensamento anterior. A interlocução estabelecida pelo autor da *Nova Atlântida* com outras filosofias, a princípio simplesmente con-

1 Doutor em Filosofia pela Unicamp, com pós-doutorado na Université Paris I – Panthéon Sorbonne e na Universidade de São Paulo. É professor titular do Departamento de Filosofia e faz parte do corpo docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia, ambos na Universidade Federal de Sergipe. É Bolsista de Produtividade do CNPq.

troversa, associa-se, conforme se pretende confirmar aqui, a um projeto de história do conhecimento que propõe um retorno crítico sobre os sistemas filosóficos do passado.

Palavras-chave: Francis Bacon; história da filosofia; ídolos do teatro; crítica.

Abstract: The main objective of this work was to understand the use of the history of philosophy when Bacon refers to the false notions that are transferred to the minds of men through philosophical schools, the so-called idola theatri. This is an introductory approach that seeks to show how the history of philosophy is configured not only as a way of intelligibility of the past, but also as an elaboration of the past in the form of a contrasting reading of previous thought. The dialogue established by the author of *New Atlantis* with other philosophies, at first simply controversial, is associated, as we have tried to demonstrate here, into a project of history of knowledge that proposes a critical return on the philosophical systems of the past.

Keywords: Francis Bacon; history of Philosophy; theater idols; critical procedure.

1. Preâmbulo

Este trabalho tem como objetivo principal compreender o uso da história da filosofia quando Bacon faz referência às falsas noções que são transmitidas ao espírito dos homens por meio das escolas filosóficas. As obras *O progresso do conhecimento* (1605), *Redargutio Philosophiarum* (1608) e *No-vum Organum* (1620) nos servem de base para exemplificar e entender tal uso. A história da filosofia apresenta-se não só conforme um modo de inteligibilidade do passado, mas

também como elaboração do passado sob a forma de uma leitura aquilatadora do pensamento anterior. Dessa maneira assimilada, é possível dizer que ela esteve sempre ligada à própria formulação da filosofia. A interlocução com as outras filosofias, inaugurada pelo autor da *Nova Atlântida*, inicialmente controversa, associou-se, de acordo com o que se busca confirmar aqui, a um projeto de história do conhecimento que preconiza um retorno crítico sobre os sistemas filosóficos do passado.

Bacon constata que há entre seus contemporâneos certa tendência, ligada aos costumes e à educação, de assimilar o excesso, e alguns deles ficam cheios de admiração pelo antigo e desprezam o que os modernos apresentam como razoável. Essa falta de medida é particularmente evidente no campo da filosofia. Para combatê-la, é imperioso levar as doutrinas ao exame e servir-se da historiografia para apontar os limites do que é conhecido e do qual, no entanto, provém o presente da filosofia.

[...] tentaremos algo que seja consistente com o nosso propósito; seja trazendo à tona certos sinais, pelos quais um julgamento pode ser feito das filosofias; seja fazendo observações marcadas, nestas próprias filosofias, acerca de alguns erros portentosos e de meros jogos da mente, em vista de minar sua autoridade.²

Evidenciar certas indicações, realçar determinados pontos dos sistemas precedentes e avaliá-los traduzem a compreensão do pretérito enquanto história, bem como implicam na concessão de um estatuto histórico às filosofias do passado. Atribuir-lhes significação histórica não quer dizer unicamente saber que são passadas, estabelecendo alguma distância em relação à cultura espiritual de outras épocas. Também expressa que tal afastamento permite situar uma

2 BACON, 1857.

“visão perspectivista do passado”³, capaz de engendrar a reconstrução de vários setores da existência, os quais estão sujeitos a comparações, isto é, contrastar ocorrências, experiências e instituições materiais e espirituais dentro de um percurso temporal.

A abordagem da vida intelectual parece integrar-se por meio de uma nova representação da história obtida a partir de um foco diferenciado: o da crítica. Refere-se a um diagnóstico particularmente negativo cujo interesse é contrapor-se ao atraso patenteado nos ideais filosóficos pregressos e à aquiescência a eles vinculada enquanto critério de validação específica do conhecimento.

A prática decorrente do abuso da autoridade da tradição pode ser tomada como uma encenação na qual são superestimadas opiniões enviesadas e autores afamados, o que dificulta a abertura da mente a novas ideias. “Seguramente, sobre tábuas não se pode escrever nada de novo sem ter apagado as inscrições anteriores; todavia, na mente, dificilmente se apagarão as inscrições anteriores sem que ali se tenha escrito algo novo”.⁴ Há um passo incontornável decorrente desse raciocínio: antes do estabelecimento do novo é cogente reconhecer as “inscrições anteriores” a ele, para eliminá-las das referências espirituais dos homens, justamente a fim de evitar que o erro se configure sempre como uma ameaça intransponível. Assim, a abertura ao novo recorre à história.

2. A fragilidade do entendimento e a recepção das falsas noções

Bacon não ignora que localizamos em diversas ciências particulares – como, por exemplo, na jurisprudência e na

3 KOSELLECK, 1975.

4 BACON, 1857, p. 558.

retórica – breves histórias de suas escolas, dos seus autores e livros. Entretanto, ele observa que falta uma história completa e universal do saber e de seus círculos. Essa história deveria incluir as antiguidades e origens dos conhecimentos, suas invenções, suas tradições, suas diferentes administrações e seus cultivos, seus florescimentos e declínios, com as causas e ocasiões destes, e “todos os demais eventos relacionados com o saber, [diz Bacon], ao longo das idades do mundo, isso posso afirmar com certeza que não existe”.⁵

Estamos diante de uma constatação que acaba por impulsionar a ambição de compor uma história das instituições e dos antagonismos que condicionam as práticas geradoras do saber humano. Precisamos alcançar os fatos pela mediação das causas. Desse modo, é necessário compreender o conhecimento observando a natureza das regiões e dos povos com caráter apto e hábil nas diferentes disciplinas, as circunstâncias notáveis que foram desfavoráveis ou favoráveis às ciências, o zelo religioso que lhes foi misturado, as armadilhas e as facilidades devidas às leis, assim como os esforços singulares e a eficiência que certos homens empregaram na promoção das letras e outros aspectos semelhantes.⁶ Trata-se de dominar as condições materiais e históricas da invenção.⁷ Conhecer é inventar gradual e consecutivamente os axiomas gerais, a começar pelas advertências angariadas pela história e pelos experimentos gerados pela indústria humana. Conhecer é desvendar as causas e estabelecer no procedimento próprio da invenção a verdade dos títulos universais. O julgamento científico, caso pretenda avançar, necessita levar em consideração a auditoria dos erros, as tabelas de ausências, as instâncias negativas, as opiniões

5 BACON, 2007, p. 113.

6 BACON, 1858, L2, cap. IV, p. 200.

7 MILANESE, 2014b.

divergentes etc. Todas essas peças não podem ser ignoradas, mas, sim, listadas e classificadas em registros, e “uma vez que tenham sido conscientemente examinadas e resolvidas sejam daí em diante omitidas, descartadas, e que não se prossiga acalentando-as e estimulando os homens a duvidar”.⁸

À vista disso, é por meio de uma história dos progressos do conhecimento e da ciência que se pode avaliar e, ao mesmo tempo, abandonar todas as noções errôneas que impediram os sábios de obterem a verdade na parte teórica da ciência. Um projeto de avaliação histórica do saber pretende que o retorno às matrizes conceituais anteriores seja consciente e organizado, porque crítico. Para tanto, Bacon propõe uma tipologia das formações pré-científicas, de modo a identificá-las, levando em conta seus diferentes elementos.

O intelecto humano tende a pressupor uma ordem e regularidade nas coisas maior do que de fato nelas se encontram. Na natureza, muitos são os episódios singulares e cheios de disparidades, mas o intelecto cria paralelismos, correspondências e relações que não existem. O intelecto quando assente uma convicção, seja por estar já bem acolhida e acreditada, seja porque o apraz, tudo arrasta para seu sufrágio e consentimento. Muitas vezes, não observa a força das instâncias contrárias, abandona-as, ou, recorrendo a distinções, rejeita-as, não sem grandes prejuízos. À custa disso, a autoridade prevalece na elaboração das teorias primeiras, e não haverá restauração da ciência enquanto falsas noções sitiarem as mentes. Um reparo de tal monta só é possível por meio do estudo dos produtos históricos da própria faculdade de conhecer, e deles carece-se fazer uma coleção “como uma espécie de história particular”.⁹ Esse estudo visa a distinguir as coisas que adentram no espírito e corrigir sua própria

8 BACON, 2007, p. 160.

9 BACON, 1988, 1, XXXII, p. 153.

constituição, uma vez que o intelecto “não está infenso à perversão e à deformação nas suas incursões cotidianas e rotineiras”.¹⁰

O resultado dessa investigação deve ser utilizado como um “remédio preparatório para retificação e purificação do intelecto. Tudo o que afasta o intelecto das coisas habituais aplaina e nivela a sua superfície para a recepção da luz seca e pura das noções verdadeiras”.¹¹ A usualidade da resolução dos problemas impostos pela natureza, pela convivência entre os homens, pela própria inteligência etc. finda por afrouxar a censura contra as miragens disseminadas pelas teorias e práticas oportunistas. O descuido no trato com o rigor leva à construção de um conjunto de proposições apoiado apenas em uma aparência determinante, que pode se estender por muito tempo em sua atuação, mas que não é capaz de produzir verdadeiros frutos a serem testados na efetiva dissolução dos obstáculos antepostos diante do conhecimento útil e resolutivo.

As falsas noções, como sabemos, são o que Bacon denominou de ídolos. A mais difundida acepção do vocábulo tem sua origem na linguagem teológica (do latim eclesiástico *idolum*¹²). No âmbito filosófico, Platão estabelece-se com uma referência seminal. A oposição feita por Bacon entre ídolos, formações espontâneas do espírito humano e as ideias da mente divina, ou seja, “entre opiniões inúteis e as verdadei-

10 BACON, 1988, 1, XXXII, p. 153.

11 BACON, 1988, 1, XXXII, p. 153.

12 Nas Sagradas Escrituras, as palavras “*idolum*” e “*simulacrum*” estão, frequentemente, associadas aos falsos deuses, que são designados como *vaidade, nada, falsidade, iniquidade*. Os ídolos não passam de mentiras, são deuses mentirosos e, por conseguinte, inúteis e assimiláveis às coisas detestáveis: “*nec inferes quippiam ex idolo in domum tuam ne fias anathema sicut et illud est quasi spurcitiam detestaberis et velut inquinamentum ac sordes abominationi habebis quia anathema est*” [Dt, 7, 26]. Ver: “/IDOLÂTRIE, 1922.

ras marcas e impressões gravadas por Deus nas criaturas, tais como de fato se encontram”¹³, recupera em seu esquema a oposição platônica entre éidolon (imagem, aparência) e éidos (princípio modelar das coisas individuais). Essa é uma maneira de refletir a relação de participação entre os fenômenos particulares manifestamente experienciáveis e a ideia enquanto constructo intelectual cognoscível.¹⁴ No plano clássico, as ideias se apresentam como modelos cuja função é permanecer na condição de critério objetivo de avaliação, por exemplo, das ações, da política, da verdade etc.¹⁵ A imagem, por sua vez, é o análogo de algo, o resultado da reprodução natural ou artística, de tal modo que os objetos sensíveis e sujeitos ao diverso estão para os objetos inteligíveis como as sombras e reflexos estão para seus originais.¹⁶ No entanto, os ídolos como elaborados pela filosofia de Bacon não resultam de uma ligação estreita ao sensível.

O termo “ídolo” designa muito mais as abstrações ilusórias, as aparências forjadas pela mente humana em oposição aos verdadeiros princípios da natureza. São espécies de esquemas que misturam elementos cognitivos, volitivos e afetivos, provocando distorções em nosso intelecto, cujas disposições à ilusão tendem para uma forma de apego mental cego. Embora fictícios e irracionais, os ídolos são, no entanto, produzidos segundo uma ordem sistemática guiada por regras. Possuem, além disso, o poder de fascinar e distanciar os homens da investigação da verdade.

Os ídolos e noções falsas que ora ocupam o intelecto humano e nele se acham implantados não somente o obstruem a ponto de ser difícil o acesso da verdade, como, mesmo depois de seu pórtico

13 BACON, 1988, 1, XXIII, p. 17.

14 GONTIER, 2003.

15 PLATÃO, 1990, 540 a-b, p. 360-361.

16 PLATÃO, 1990, 510 a-e, p. 313-314.

logrado e descerrado, poderão ressurgir como obstáculo à própria instauração das ciências, a não ser que os homens, já precavidos contra eles, se cuidem o mais que possam.¹⁷

Há uma tipologia singular que divide os ídolos em quatro classes: o ídolo *da tribo* e as imperfeições inerentes à própria natureza humana; o ídolo *da caverna* e as distorções impostas pelas características individuais do investigador; o ídolo *do foro* e as falhas oriundas do uso da linguagem e da comunicação entre os indivíduos; e o ídolo *do teatro* e as deturpações adotadas pelo pensamento provenientes de falsas teorias, de falsos sistemas filosóficos. Para as três primeiras classes, inseparáveis da nossa natureza e condição vital, exige-se tão somente “que se tome contra elas cautela.”¹⁸ Os *idola theatri*, ao contrário, demandam uma preocupação diferenciada, porquanto eles organizam os demais ídolos e ajustam seus papéis, bem como capitaneiam numerosos princípios das ciências que entraram em vigor graças à tradição, à credulidade e à imprevisão, outrossim em razão de tendermos a confiar naqueles que se tornaram seus porta-vozes por meio das diversas filosofias.

3. Ídolos do teatro e história da filosofia

3.1 A escolha da metáfora do teatro

Efetivamente, o teatro é tomado na qualidade de imagem capaz de retratar objetivos deliberados, a saber: agradar e instruir. A partir desses moldes, a escolha de Bacon é a de assimilar, analogamente, a organização do quadro de pensamento instituidor do conhecimento e da ciência, em vários dos seus capítulos, a de um palco. O emprego da ale-

17 BACON, 1988, 1, XXXVIII, p. 20-21.

18 BACON, 2007, p.201.

goria ganha ainda mais força quando entendemos que faz parte de toda atuação seu término: quando as cortinas se fecham, a peça acaba, as máscaras são retiradas, e os atores se encontram todos juntos, como os homens após a morte.¹⁹ Algo ficou para trás, um segredo, um silêncio, um fato, uma banalidade, um mistério. Por detrás das máscaras, encontramos um homem procurando sua própria imagem.

Os indivíduos têm consciência da montagem, pois ela é fruto de um estabelecido acordo mútuo. O teatro é público. Mais exatamente – pois a publicidade constitui também, em outro sentido, “uma dimensão estrutural da ciência baconiana”²⁰ –, o teatro visa à ostentação por ela mesma e à encenação como alvo. O que o teatro estampa não ultrapassa as fronteiras da ficção e o seu movimento está autorizado a fazer uso da mentira: personagens e emoções precisam de mentiras para serem reconhecidos como verdadeiros.

Porém, qual deve ser o modelo de um pensamento verdadeiro? Qualquer que seja a resposta possível à questão, não importa seu teor, ela tenderá, em última instância, a opor radicalmente a filosofia ao teatro e criar um mote de divergência entre essas duas formas de interpretação. A filosofia, sem dúvida, tem como um dos seus interesses fundamentais o conhecimento da realidade, enquanto o teatro seria o lugar da ilusão, uma vez que seu trabalho se baseia num jogo de aparências e em um travestimento de identidades. Além disso, o teatro pressupõe uma multiplicidade de pontos de vista opostos, como se cada um pudesse carregar sua verdade peculiar, “um oxímoro filosófico, sem que fosse possível decidir entre as perspectivas.”²¹ Inversamente, pensar de maneira correta, ou seja, em consonância com a verdade, é

19 CERVANTES, 2012, cap. XII.

20 GONTIER, 2003, p. 60.

21 GARELLO, 2016, p.227.

recusar as multiplicidades das expressões e procurar reduzir o pensamento ao conceito; é opor a universalidade própria da razão àquilo que seria apenas um feitio simples de acreditar ou de ter impressões relativas à nossa individualidade.

Assim, Bacon, contemporâneo de Shakespeare e precursor da modernidade inglesa, vê nas determinações singulares e particulares de cada pessoa uma forma de ídolo [...], um defeito específico do entendimento e que deve ser purificado para alcançar verdadeiro pensamento e constituir uma nova ciência, rompendo com as errâncias do conhecimento.²²

De fato, a propriedade da ficção teatral é dar ao espectador uma ilusão de efetividade, forjada para oferecer alguma semelhança com o verdadeiro. Para isso, a devida encenação tem de parecer melhor aparelhada, mais proveitosa do que os relatos verdadeiros e, assim, ter maior probabilidade de conseguir anuência. A peça espetaculosa responde a imperativos de coerência, finalizados em último recurso não pela investigação da verdade, mas tão só para atender à aprovação do espectador.²³ Nessa acepção, a mentira é uma convenção que espalha uma série de espelhos ao longo do caminho entre a percepção individual e a realidade, instalando um jogo infindo de posições em que tudo é possível de acordo com a conformidade do momento; seu *modus operandi* pode conduzir tanto a um embuste alegre quanto a toda sorte de calamidade, por tal razão, teatro e vida não são assimiláveis por completo: (...) se se atende demasiado ao comportamento e porte exterior, primeiro, se pode cair em afetação, e segundo, "*Quid deformius quam scenam in vitam transferre* [O que pode haver de mais feio do que levar o teatro à vida?], estar toda a vida representando."²⁴

22 GARELLO, 2016, p. 227.

23 GONTIER, 2003.

24 BACON, 2007, p.266.

Bacon recupera esse motivo para se reportar ao jogo ilusório fornecido pelas diversas doutrinas ao longo da história.²⁵ A coerência lógica dos grandes sistemas de filosofia não passa de um artifício retórico²⁶, uma impressão fantástica e poética que se inscreve de imediato numa relação de comunicação entre os homens (com o objetivo de lisonjear os seus ídolos), e em nenhum momento em uma relação com a natureza das coisas.

Os ídolos do teatro, ou das teorias, são numerosos e podem ser, e certamente o serão, ainda em muito maior número. Com efeito, se já por tantos séculos não tivesse a mente humana se ocupado de religião e teologia; e se os governos civis (principalmente as monarquias) não tivessem sido tão adversos para com as novidades, mesmo nas especulações filosóficas a tal ponto que os homens que as tentam sujeitam-se a riscos, ao desvalimento de sua fortuna, e, sem nenhum prêmio, expõem-se ao desprezo e ao ódio; se assim não fosse, sem dúvida, muitas outras seitas filosóficas e outras teorias teriam sido introduzidas, tais como floresceram tão grandemente diversificadas entre os gregos.²⁷

25 De forma ampla, o filósofo identifica no decurso do tempo três tipos de opiniões insidiosas, ou seja, sofísticas, empíricas e supersticiosas, que acabam por gerar três classes particulares de sistemas filosóficos, descritos desta maneira: a) *escola racional* ou *sofística* aproveita da experiência uma variedade de exemplos comuns, nem devidamente verificados, nem diligentemente examinados e pesados, deixando assim todo o resto para a meditação e agitação da mente. O exemplo mais visível desse tipo foi Aristóteles; b) *empírica*, por ter dedicado muito trabalho diligente e atento a alguns experimentos, tornou precipitadas a extração e construção de sistemas, arrancando todos os outros fatos de uma maneira estranha da conformidade com estes. Como exemplos, Bacon cita os químicos e alquimistas de sua época; c) *supersticiosos*, composta por aqueles que pela fé e pela veneração misturam sua filosofia com a teologia e as tradições. Paracelso foi um caso proeminente de tal enfoque. Da mistura perniciosa de coisas humanas e divinas surgiu não apenas uma filosofia fantástica, mas também uma religião herética. BACON, 1988, 1, LXII, p. 32.

26 “[...] daí também a preferência de Bacon pela forma aforismática [...]” (GONTIER, 2003, p. 60).

27 BACON, 1988, 1, LXII p. 31.

De modo exemplar, a feição do dogma no mundo grego é explicada por uma relação ao conhecimento: os primeiros gênios gregos fascinam pelas verdades que apreendem e fabricam seguidores que são subjugados intelectualmente e formam seitas, cujo modo de operação reflete os usos políticos do discurso (retórica). Essa camada cria o modelo da controvérsia: os dominantes dessa guerra mantêm seu dogma; os outros recuam para um campo estreito de experiência, mas aí prosperam e obtêm forças para construir um novo dogma nessa base empírica. Alguns triunfam pelas palavras, outros, em última análise, mais fortes, pela experiência. Vasculhar as peças guiadas pelos filósofos do passado nos permite verificar os efeitos da precipitação no plano da representação. Como destaca Deleule²⁸, o interesse prioritário concedido por Bacon aos ídolos na *pars destruens* de seu empreendimento reside no fato de que os ídolos, em seu conjunto, assim que se integram a uma estrutura dramática, tornam-se partes de um sistema que tende a conferir-lhes força e autoridade: “as doutrinas filosóficas, especialmente quando se degradam em ideologia, revelam e realçam, pela ampliação de certos traços comuns ou específicos – toda uma patologia do intelecto humano.”²⁹ Auxiliados pela elegância e pelo aparelhamento argumentativo, esses ídolos se especializaram em atrair as mentes pelo conforto e pelo agrado característicos das narrativas fabulosas.

3.2 Os ídolos do teatro e a via demonstrativa

Os *idola theatri* não são inatos, pertencem em grande parte à condição adventícia. Eles sequer são introduzidos às escondidas na mente. Na verdade, acham-se importados para

28 DELEULE, 2009.

29 DELEULE, 2009, p. 39.

os espíritos na medida em que se relacionam com o comércio entre homens e dizem respeito aos abusos de linguagem, às teorias falaciosas e às regras defeituosas que regem as expressões argumentativas:³⁰ “Há [...] ídolos”, diz Bacon, “que imigraram para o espírito dos homens por meio das diversas doutrinas filosóficas e também pelas regras viciosas da demonstração.”³¹ Esta, enquanto expressão de um raciocínio que estabelece a verdade de uma proposição dedutivamente, isto é, conectando-a por um elo necessário a outras proposições admitidas como verdadeiras ou previamente demonstradas, foi deturpada pela lógica comum, que pretende evitar o exame das noções e proceder imediatamente aos termos mais universais, de modo a lidar somente com as regras formais da dedução; a lógica se autoriza o privilégio das formas do discurso para mascarar as falsas concepções, que compõem o material das suas demonstrações, as quais devemos recusar. A recusa implica uma ruptura com a arte tradicional do julgamento e seus procedimentos de refutação; impõe uma rejeição total não apenas dos resultados, mas igualmente das demonstrações em que se alicerçam. Se as elucidações procedem por dedução, a descoberta procede na direção oposta, indutivamente, ou seja, não interessa tanto a busca pelas essências, importa manter a investigação das causas ativas que são úteis na medida em que permitem ao homem se assenhorear da natureza e colocá-la a seu favor. O movimento da invenção é ascendente ou descendente, segundo a ordem: das experiências aos princípios (aos axiomas, na linguagem baconiana) e dos princípios às obras. Malherbe³² indica que o Chanceler chama *deductio ad praxin* à operação pela qual a mente vai dos princípios às obras. A sentença aparece no

30 BACON, 1988, 1, LXI, p. 30.

31 BACON, 1988, 1, XLIV, p. 22.

32 MALHERBE, 2003.

aforismo XXI (parte 2), quando, depois de ter discutido as tábuas e feito a primeira vindima, Bacon anuncia o programa de auxílios que devem ser dados ao entendimento na interpretação da natureza. Em primeiro lugar, as instâncias de prerrogativa, que ocuparão todo o restante da segunda parte do Livro II, e em sétimo lugar (de nove): “(...) da *dedução à prática*, ou seja, daquilo que está relacionado com o homem.”³³ A expressão *in ordine ad hominem* é notável, sendo usada aqui em sentido positivo, ao passo que, no que se refere ao próprio esforço de conhecimento, aparece em sentido negativo, “pois não se exige permanecer no que está em *ordine ad hominem* (ou *ex analogia hominis*), mas passar para o que está em *ordine ad universum* ou *ad analogiam naturae*. Conforme se trate, portanto, de conhecimento ou de prática, de *inductio* ou *deductio*, o termo final não é o mesmo: a natureza ou o homem.”³⁴ Os momentos de *inductio* e de *deductio* são sempre distinguíveis; e, ao contrário de outros modos de prática, a *deductio* sempre vem em segundo lugar, pelo menos logicamente. A *deductio* não pode prescindir da *inductio*. Enquanto aquela prevaleceu sobre esta ficou caracterizado um círculo vicioso no qual permaneceram presas todas as tentativas de julgamento resultantes de uma lógica equívoca, cujos frutos produziram as mais profundas ilusões do pensamento.

As demonstrações falhas são as fortificações e as defesas dos ídolos. E as que nos ensina a dialética não fazem muito mais que subordinar a natureza ao pensamento humano e o pensamento humano às palavras. As demonstrações, na verdade, são como que filosofias e ciências em potência, porque, conforme sejam estabelecidas mal ou corretamente instituídas, assim também serão as filosofias e as especulações.³⁵

33 BACON, 1988, 2, XXI, p. 134. (*Deductione ad Praxin, sive de eo quod est in ordine ad Hominem*).

34 MALHERBE, 2003, p. 13.

35 BACON, 1988, 1, LXIX, p. 38.

E se é verdade que as demonstrações falhas são o anteparo das ilusões, então é importante começar, com vistas a restabelecer a correta ordem das provas e a verdadeira natureza da ciência (que é indutiva), pelos signos exteriores (as disputas, as afirmações incompatíveis com o livro da natureza, os equívocos de toda ordem, etc.) e pelas evidências das causas das operações mentais mal constituídas que contribuíram para a consolidação do erro e da infertilidade, tanto na ciência quanto no cultivo do saber: “Ainda que seja de utilidade nula a refutação particular de sistemas”³⁶, é essencial denunciar a falsidade ali contida e além disso identificar as “causas de tão grande infortúnio e tão constante e generalizado consenso no erro. E isso para que se torne menos difícil o acesso à verdade e o intelecto humano com mais disposição se purifique e os ídolos possa derrogar.”³⁷

3.3 O uso da história da filosofia: o caso dos gregos

Para Bacon, as concepções, os métodos e os pressupostos que fundamentam, animam as distintas e precedentes escolas filosóficas são dados a ver e a ouvir mediante a organização de uma encenação, na qual o filósofo, ao fazer uso das múltiplas técnicas de sua arte, reconstrói uma determinada realidade que tende a imitar ou que transforma e transpõe, despertando a adesão do ouvinte ou do leitor, dando-lhe a sensação da verdade. Seus esforços se consomem na preocupação e na investigação das causas últimas da natureza, pois toda a possibilidade e utilidade operativa se concentram nos princípios intermediários. “A consequência disso é que os homens não cessam de fazer abstrações sobre a natureza.”³⁸

36 BACON, 1988, 1, LXI, p. 31.

37 BACON, 1988, 1, LXI, p. 31.

38 BACON, 1988, 1, LXVI, p. 36.

Os sistemas recebidos encenam o mundo natural ao invés de conhecê-lo; são verdadeiras peças teatrais, representando a realidade a partir de sua própria criação, de uma forma irreal e cênica;

Pois, do mesmo modo que se podem formular muitas teorias do céu a partir dos fenômenos celestes; igualmente, com mais razão, sobre os fenômenos de que se ocupa a filosofia se podem fundar e constituir muitos dogmas. E acontece com as fábulas deste teatro o mesmo que no teatro dos poetas. As narrações feitas para a cena são mais ordenadas e elegantes e aprazem mais que as verdadeiras narrações tomadas da história.³⁹

A filosofia anterior se acha fundada numa base de experiência e história natural deveras estreita e se decide a partir de um número de dados muito menor que o desejável. Resultado: ela se especializa na construção de dogmas construídos dedutivamente, de maneira que o fim prático torne-se secundário, de menor importância e não esteja sobretudo ligado ao fim teórico. A isso poderíamos chamar de ilusão dedutiva; seus frutos, principais obstáculos para o progresso das ciências, são difíceis de desestabilizar completamente, pois eles criaram uma deformidade à qual o espírito se acostumou; os grandes responsáveis por essa empreitada são as filosofias adotadas ou inventadas com suas “tantas fábulas, produzidas e representadas, que figuram mundos fictícios e teatrais.”⁴⁰ O pequeno teatro filosófico, conforme a sentença de Deleule⁴¹, reduz o palco universal do teatro do mundo às dimensões ínfimas das obsessões de cada um articuladas às exigências estruturais e projetivas do entendimento humano e alimentadas pela indecisão discursiva que, de ordinário, preside a transmissão das ideias favorecendo as disputas.

39 BACON, 1988, 1, LXII p. 31.

40 BACON, 1988, 1, XLIV, p. 22.

41 DELEULE, 2009, p. 39.

Consoante Bacon, é necessário expor a forma que esse conteúdo histórico assume, e dentro dessa perspectiva a história da filosofia tende naturalmente a nutrir o exame dos *idola theatri*. Os ídolos da cena supõem uma esquematização da história da filosofia, uma disposição que, para ser entendida, não provém da psicologia, como nos ídolos da tribo, nem da antropologia, conforme os ídolos da caverna, tampouco do uso do aparato da linguagem, tal como proposto nos ídolos do foro, mas que procede de uma análise histórica.

Basta uma retrospectiva um pouco mais atenta, pensa Bacon, para verificarmos que o tempo se encarregou de mostrar os fracassos da ciência e das montagens apresentadas para justificá-los. “Mesmo os resultados até agora alcançados devem-se muito mais ao acaso e a tentativas que à ciência”.⁴² Os sistemas dos filósofos antigos (e suas ramificações nas ciências particulares) não se basearam em verificações possíveis, falhando em sua tentativa de descobertas reais; dificilmente contribuíram, após o lapso de tantos séculos, com um único experimento que tendesse a amenizar ou melhorar as condições humanas, e que pudesse de fato ser atribuído a considerações e teorias significativas. As pretensões espirituais por eles assumidas são condenáveis desde que se arvoraram em fornecer uma explicação total e definitiva às questões abordadas, de maneira que a formatação dada ao conhecimento faz com que ele pareça mais completo do que realmente é.

Sem embargo, “as ciências que possuímos provieram em sua maior parte dos gregos”⁴³ e o pioneirismo a eles atribuído se fez acompanhar de um modelo característico de disseminação do saber. A ciência grega e a sua divulgação foram construídas a partir de um lastro doutrinário cujo nú-

42 BACON, 1988, 1, VIII, p. 14.

43 BACON, 1988, 1, LXXI, p. 40.

cleo esteve ocupado por uma forma específica: a “referência ao prazer e dignidade de um só”⁴⁴, o ofício de si. – a marca intelectual que se manifestava na tentativa presunçosa de extrair da própria mente o conhecimento da estrutura das coisas, em vez de buscá-lo pacientemente no livro da natureza. Uma presunção assimilável à fase autorreferente típica da infância, na qual a criança, com grande carga de ingenuidade e falta de experiência e discernimento, acaba fazendo de si o centro da realidade sem que isso redunde na modificação do seu entorno. Toda a chamada sabedoria que herdamos da Grécia é, de algum modo, apenas a infância da ciência.⁴⁵

E, a propósito, não se deve omitir aquela sentença, ou melhor, vaticínio, do sacerdote egípcio a respeito dos gregos: ‘Sempre serão crianças, não possuirão nem a antiguidade da ciência, nem a ciência da Antiguidade’. Os gregos, com efeito, possuem o que é próprio das crianças: estão sempre prontos para tagarelar, mas são incapazes de gerar, pois, a sua sabedoria é farta em palavras, mas estéril de obras. Aí está por que não se mostram favoráveis os signos que se observam na gente e na fonte de que provém a filosofia ora em uso.⁴⁶

Se considerarmos mais ou menos toda a suposta variedade e abundância do conhecimento herdado, o que encontramos lá são eternas repetições das mesmas coisas, e toda a ri-

44 BACON, 2007, p.232.

45 “E, na verdade, *antiquitas saeculi juventus mundi* [A antiguidade dos séculos é a juventude do mundo]. Os verdadeiros tempos antigos são estes, nos quais o mundo é antigo, não aqueles que consideramos antigos *ordine retrogrado*, contando a partir de nós para trás. (BACON, 2007, p.57). Boa parte do século XVII espiritual está envolvido no que se convencionou chamar a *Querelle des anciens et des modernes*. No centro do debate estava um ponto crucial para a modernidade filosófica, a ideia do progresso científico e moral da humanidade. Apesar das diferenças entre suas filosofias, autores como Pascal e Bossuet somam-se a Bacon quando se trata de descrever o mundo antigo como sendo a juventude da humanidade. Ver: PASCAL, 1963 e BOSSUET, 1990.

46 BACON, 1988, 1, LXXI, p. 41.

queza que à primeira vista se acredita presente se reduz, após uma avaliação mais cuidadosa, a muito pouco. A prova disto é que o quadro da tradição das ciências manifesta somente uma sucessão de mestres e discípulos – vínculo produtor de um saber escolar sem recurso às fontes –, porém nunca são apresentados inventores que acrescentaram descobertas às de seus predecessores: “Os signos da verdade e da sensatez das filosofias e das ciências, ora em uso, são péssimos, quer se procurem nas suas origens, nos seus frutos, nos seus progressos, nas confissões dos autores ou no consenso”.⁴⁷ Por conseguinte, “chegou-se ao ponto em que a verdadeira via não só foi abandonada, mas foi ainda fechada e obstruída”.⁴⁸ A filosofia, incluída no quadro de desabrigo em que se encontravam as ciências, contribuiu para a inércia na qual se manteve a investigação sobre a verdade e o conhecimento.

A reverência à Antiguidade, o respeito à autoridade de homens tidos como grandes mestres de filosofia e o geral conformismo para com o atual estágio do saber e das coisas descobertas também muito retardaram os homens na senda do progresso das ciências, mantendo-os como que encantados.⁴⁹

Com efeito, as ideias propaladas pelos mestres antigos seduziram, quer pelo seu encanto, quer pelo império da tradição e da fé que lhes foi atribuído. A força dessa sedução levou a maioria a aderir e concordar com tais ideias. Mesmo quando numerosas experiências conclusivas as contradizem, os indivíduos tendem a negligenciá-las, desprezá-las ou rejeitá-las, a fim de manter intacta toda a ascendência desses preconceitos acalentados.

Grosso modo, é possível identificar o eixo da crítica baconiana à filosofia grega sustentado por duas grandes

47 BACON, 1988, 1, LXXVII, p. 46.

48 BACON, 1988, 1, LXXXIII, p. 51.

49 BACON, 1988, 1, LXXXIV, p. 51.

alegações: a) deficiência inventiva, causada pela ausência de método: o entendimento, abandonado à sutileza natural, entrega todo o poder às falsas noções e às antecipações do espírito;⁵⁰ b) compensação dessa falha inventiva pelos lances excessivos de sistematicidade e pela busca de uma aparência de coerência e de ordem das apresentações pedantes ou professorais.⁵¹

A crítica funciona como um operador destinado a avaliar a importância de uma produção espiritual e busca, de uma parte, repertoriar, fazendo uso didático do recurso tipológico, as falhas das doutrinas instituídas a partir do exame dos seus signos exteriores; de outra parte, denunciar a inautêntica autoridade que elas impõem; por fim, evidenciar as condições de implementação dos impedimentos que atravancaram o entendimento humano. A crítica quer englobar toda a história do conhecimento, mas não se aplica do mesmo modo a toda a história. Os antigos não são todos condenados da mesma maneira.

Os pré-socráticos são destacados em função de sua filosofia um tanto mais voltada à natureza: “devemos admitir que encontramos, entre teses tão variadas, um bom número de notas que foram muito judiciosas na observação da natureza e na atribuição de causas”⁵², foi o caso de Empédocles, Heráclito, Anaxágoras e Demócrito. É claro que algumas dessas teses tiveram mais sucesso do que outras. No entanto, se as compararmos com as de Aristóteles, veremos manifestamente, segundo Bacon⁵³, que houve vários filósofos que penetraram, em muitos aspectos, nos quesitos relativos à natureza de forma mais nítida e profunda do que o autor da *Física*.

50 BACON, 1988, 1, VIII, p. 14.

51 BACON, 1988, 1, CXXVIII, p. 86; BACON, 1988, 1, LXXI, p. 40.

52 BACON, 1863, p. 73-74. Consultar: KIRK; RAVEN; SCHOFIELD, 1983.

53 BACON, 1863, p. 74.

Outros pensadores, como Anaximandro, Parmênides e Xenófanés, não abriram escolas; preferiram, na investigação da verdade, o silêncio e a simplicidade. Porém, suas obras, com o decorrer do tempo, foram sendo ofuscadas por outras mais superficiais, muito embora afeitas à capacidade e ao gosto vulgar; “pois o tempo, como o rio, trouxe-nos as coisas mais leves e infladas, submergindo o mais pesado e consistente.”⁵⁴ Ainda assim, “estribados apenas no fluxo natural do intelecto, não empregaram qualquer espécie de regra, tudo abandonando à aspereza da meditação e ao errático e perpétuo revolver da mente”⁵⁵, a serenidade e a desafetação de seus procedimentos não conseguiram livrá-los da ambição e da vaidade, levando-os igualmente a fundar algum tipo de seita sintonizada com a aura popular, isto é, instituições capazes de moldar os espíritos, cujo fascínio gerou um imobilismo intelectual entre seus seguidores e serviu de modelo para as filosofias vindouras. Eles perderam a consciência do escopo de seu conhecimento e acabam por construir teses que podem ser comparadas às intrigas de diversas ficções teatrais, que são compotas para oferecer alguma similitude com o verdadeiro, umas com mais gosto, outras mais negligentes e grosseiras

e apresentam esse caráter próprio das ficções, isto é, parecerem às vezes mais agradáveis e convenientes do que as narrações verídicas, e são mais aptas a provocar adesões. Decerto, como eles ficaram menos suscetíveis do que Aristóteles, Platão e os remanescentes das escolas à fama e à opinião, essa espécie de teatro, permaneceram assim isentos da ostentação e da impostura, e, por isso mesmo, mais sãos; mas para todo o restante a eles se assemelhavam. Toda a filosofia dos gregos se nos afigura ter embarcado num único navio, e se seus erros são diferentes, as suas causas, no entanto, são comuns.⁵⁶

54 BACON, 1988, 1, LXXI, p. 41.

55 BACON, 1988, p. 5.

56 BACON, 1863, p. 74.

Platão e Aristóteles foram criticados, inicialmente pelos mesmos motivos:

(...) o nome de sofistas, que foi aplicado depreciativamente aos que se pretendiam filósofos e que acabou por designar os antigos retores, Górgias, Protágoras, Hípias e Polo, compete igualmente a Platão, Aristóteles, Zenão, Epicuro, Teofrasto; e aos seus sucessores Crisipo, Carnéades, e aos demais. Entre eles havia apenas esta diferença: os primeiros eram do tipo errante e mercenário, percorriam as cidades, ostentando a sua sabedoria e exigindo estipêndio; os outros, do tipo mais solene e comedido, tinham moradas fixas, abriram escolas e ensinaram a filosofia gratuitamente. Mas ambos os gêneros, apesar das demais disparidades, eram professorais e favoreciam as disputas, e dessa forma facilitavam e defendiam seitas e heresias filosóficas, e as suas doutrinas eram (como bem disse, não sem argúcia, Dionísio, de Platão) *palavras de velhos ociosos a jovens ignorantes*.⁵⁷

Todavia, a crítica ao autor da *República* ganha nuances diferenciadas daquelas contidas na apreciação de Aristóteles. Embora dotado de elevado engenho, como prova a sua teoria das ideias ao proclamar que as formas constituem o verdadeiro objeto do conhecimento⁵⁸ e a defesa, por meio da refutação dialética, do método indutivo por exclusão⁵⁹, Platão é censurado porque “(...) perdeu o fruto genuíno de sua teoria ao considerá-las [as formas] algo totalmente abstraído da matéria, não algo confinado e determinado por ela, e orientando, portanto, sua visão para a teologia, da qual está contaminada toda sua filosofia natural”⁶⁰; em suma, sua obra mesclou-se à “tradição amparada pela fé e pela veneração das gentes.”⁶¹ A tendência à investigação do campo político,

57 BACON, 1988, 1, LXXI, p. 40.

58 BACON, 2007, p. 148.

59 BACON, 1988, 1, CV, p. 69.

60 BACON, 2007, 148.

61 BACON, 1988, 1, LXII, p. 32.

ao qual dedicou a maior parte de seu empenho espiritual, impediu Platão de se interessar de maneira mais detida pela filosofia da natureza e quando o faz é tão só para assegurar um verniz filosófico associado ao seu nome e infundir certa majestade em suas doutrinas morais e políticas. Daí a falta de solidez do que escreveu sobre a natureza. “Além disso, inutilizou e corrompeu a natureza com sua teologia, tanto quanto Aristóteles com sua dialética.”⁶² Como é natural ao intelecto humano está suscetível às elaborações fantasiosas, da mesma forma que está exposto às noções vulgares, a corrupção da filosofia, advinda da superstição e da combinação com a teologia, torna-se o pior e o mais formidável dos flagelos para o pensamento dos antigos. É verdade que a filosofia sofística e suas disputas aferram o intelecto, porém a filosofia teológica, fantasiosa e inflada, e quase poética, enreda-o muito mais com suas armadilhas corteses. De fato, reconhece Bacon, há no homem uma ambição do espírito, que não é menor que a ambição da vontade – especialmente em mentes insignes.

Na Grécia, encontram-se exemplos típicos de tais filosofias, sendo o caso, antes dos demais, de Pitágoras, onde aparecem aliadas a uma superstição tosca e grosseira. Mais perigoso e sutil é o exemplo de Platão e sua escola. Encontra-se também este mal, parcialmente, nas restantes filosofias, onde são introduzidas formas abstratas, causas finais e causas primeiras, omitindo-se quase sempre as causas intermediárias. Diante disso, toda precaução deve ser tomada, pois nada há de pior que a apoteose dos erros, e é como uma praga para o intelecto a veneração voltada às doutrinas vãs.⁶³

A nova ciência proposta por Bacon dirige-se para uma ruptura com a teologia – a iniciada por Platão e aquelas que dela derivam –, uma ciência abrupta⁶⁴, que não visa produzir

62 BACON, 1863, p. 72. Ver: PLATON, 1950.

63 BACON, 1988, 1, LXV, p. 34.

64 BACON, 2007, p. 317.

conhecimento efetivo, mas matéria de crença e verdade de opinião.⁶⁵ O conhecimento revelado não tem ascendência teórica sobre conhecimento humano e não tem o direito de legislar sobre ele. A teologia não possui autoridade sobre a ciência, pois seu objetivo não é especulativo, mas moral. Ela não ensina as leis da natureza, porém a vontade de Deus. Bacon não faz concessões neste ponto e sempre insiste na necessidade de distinguir o conhecimento sagrado ou divino do conhecimento humano. Este, segundo o filósofo, é comparável às águas, as quais umas descem do alto e outras nascem da terra, de baixo; as primeiras são informadas pela luz da natureza e as segundas pela revelação divina. A luz da natureza consiste nas ideias da mente e nas referências dos sentidos; “porque o conhecimento que o homem recebe do ensino é cumulativo e não original, como a água, que além de sua própria fonte se nutre de outros mananciais e correntezas. Assim, pois, em conformidade com estas duas iluminações ou origens, o conhecimento se divide primeiro em Teologia e Filosofia.”⁶⁶

Aristóteles, por seu turno, é responsável pelo nascimento do espírito estéril de sistema. Ele “corrompeu com sua dialética a filosofia natural”⁶⁷ e introduziu uma coleção de ideias distorcidas na filosofia e nas ciências, que passaram à posteridade como dogmas aceitos: suas categorias, com as quais construiu o mundo, sua distinção precária entre poder e ato, ou sua multiplicidade de leis arbitrárias. Inclusive, no que se refere aos animais⁶⁸, ele

estabelecia antes as conclusões, não consultava devidamente a experiência para estabelecimento de suas resoluções e axiomas.

65 BACON, 2007, p. 322.

66 BACON, 2007, p. 135-136.

67 BACON, 1988, 1, LXIII, p. 32.

68 ARISTOTE, 2017.

E tendo, ao seu arbítrio, assim decidido, submetia a experiência como a uma escrava para conformá-la às suas opiniões. Eis por que está a merecer mais censuras que os seus seguidores modernos, os filósofos escolásticos, que abandonaram totalmente a experiência.⁶⁹

A direção geral da crítica pode ser apreendida a partir da recusa do modelo de ciência, para o qual a silogística fornece a estrutura. Com efeito, Bacon pretendia reorientar a ciência com vistas ao estabelecimento metódico de princípios, que não mais aceitava como indemonstráveis: queria identificar não coisas conformes a princípios, mas os próprios princípios. Essa reorientação da pesquisa impõe a rejeição da própria base da silogística, na medida em que prescreve a simples conformidade do raciocínio a princípios inquestionáveis segundo seus critérios. Aderir a esse requisito mínimo é desenvolver a demonstração a partir dos signos de noções cuja gênese permanece obscura, qualquer que seja o rigor da argumentação.

De nossa parte, rejeitamos a demonstração por silogismo, porque ela procede de forma um tanto confusa e deixa a natureza fora de questão. E mesmo que não possa haver dúvida para ninguém de que duas coisas que concordam com um termo médio concordam entre si (o que é uma espécie de certeza matemática), ainda assim há um truque nisso, porque o silogismo é constituído de proposições, as proposições de palavras, e as palavras são as chaves e os signos das noções. Consequentemente, se as próprias noções da mente (que são, por assim dizer, a alma das palavras, a base de todo o edifício e de sua disposição) foram abstraídas das coisas de maneira defeituosa e aleatória, se, portanto, são vagas, insuficientemente definidas e circunscritas, e finalmente contaminadas por numerosos vícios, tudo desmorona.⁷⁰

As formulações de Aristóteles reforçam, mais do que todos os sistemas progressos, a condição “[...] professoral e

69 BACON, 1988, 1, LXIII, p. 33.

70 BACON, 1857, p.214-215.

pródiga em disputas – que é um gênero dos mais adversos à investigação da verdade”⁷¹ –, típica da filosofia grega. Os ecos de sua esterilidade permaneceram, se estenderam no tempo e se manifestaram nos círculos acadêmicos, ajustados a dois traços preponderantes: o excesso contido nos pronunciamentos precipitados, que transmutaram a ciência numa doutrina dogmática e doutoral, e o descomedimento dos que introduziram a *acatalepsia* e tornavam a investigação vaga e sem um termo. “O primeiro deprime, o segundo enerva o intelecto”.⁷² Ceticismo e desesperança são sintomas graves do fracasso dos sistemas anteriores e da sua maneira de operar, tal como as controvérsias cultivadas pelos escolásticos, ou mesmo a submissão cega à autoridade de Aristóteles⁷³:

Assim, a filosofia de Aristóteles, depois de destruir outras filosofias (à maneira dos otomanos, com seus irmãos) com suas pugnazes refutações, pronunciou-se acerca de cada uma das questões. Depois, inventou ele mesmo, ao seu arbítrio, questões para as quais a seguir apresentou soluções, e dessa forma tudo ficou definido e estabelecido e é o que passou a ser atendido ainda hoje por seus sucessores. A escola de Platão, de sua parte, introduziu a *acatalepsia*, a princípio como ardil e ironia, por desprezo para com os velhos sofistas, Protágoras, Hípias e os demais, os quais nada temiam mais que aparentar terem dúvidas a respeito de algo. Mas a Nova Academia transformou a *acatalepsia* em dogma e dela fez profissão. E, ainda que esta seja uma atitude mais moderada que a dos que

71 BACON, 1988, 1, LXXI, p. 40.

72 BACON, 1988, 1, LXVII, p. 37.

73 Antes de Bacon, Agrippa, Paracelso, Pierre de la Ramée, Cardan, Bruno, entre outros, já haviam rejeitado a autoridade de Aristóteles. O período elisabetano vê-se desenvolver, com os médicos discípulos de Paracelso, uma expressiva crítica à autoridade provinda da reverência aos antigos, Galeno, Avicena e o autor da *Organum*, acompanhada de uma defesa da observação e da experiência. A originalidade de Bacon consiste em colocar sob a mesma rubrica analítica os antigos e os modernos, em não reservar seus ataques a uma só tradição greco-latina e em avaliar o grau de responsabilidade de uns e de outros em função dos critérios estabelecidos em sua doutrina dos ídolos. Ver: DELEULE, 2010.

se achavam no direito de se repronunciarem sobre tudo já que os acadêmicos dizem que não pretendem confundir a investigação (como o fizeram Pirro e os céticos) e que se limitam ao provável, quando de fato nada aceitavam como verdadeiro –, contudo, quando o espírito humano se desespera da busca da verdade, o seu interesse por todas as coisas se torna débil; daí resultando que os homens passam a preferir as disputas e os discursos amenos, distantes da realidade, em vez de se comprometerem com rigor na investigação.⁷⁴

O que está em jogo é a função que deve assumir a correta filosofia, ou seja, descobrir as conexões entre os signos naturais e as coisas sob o controle da experiência, comando que permite trazê-las primeiro à luz, antes de poder passar às regras (ordenar bem a fala de acordo com os cânones da gramática e da eloquência). Privilegiar as regras e não os fatos produz os abusos da linguagem, as teorias falaciosas e os códigos de demonstração defeituosos, que, por seu turno, levam às disputas e à postura cética. Naquelas, a mente se confronta apenas consigo mesma; nesta, o pensamento para no meio do caminho e renuncia à tarefa de auxiliar os sentidos.

4. Considerações finais:

A ênfase detida e crescente na crítica das doutrinas precedentes permite afirmar que Bacon as compreendia como um ídolo com características bem específicas, com contornos que indicam menos diretamente a genealogia das suas antecipações do que sua organização no seio dos modelos filosóficos. A avaliação dos sistemas que forneceram os elementos decisivos para a formação da ciência e do conhecimento acaba por revelar o papel desempenhado pelo fascínio do entendimento diante de seus próprios produtos. Assim, na história, o deslumbramento intelectual está no

74 BACON, 1988, 1, LXVII, p. 37.

cerne da relação de autoridade e surge, antes de tudo, da conexão do intelecto consigo. Não podemos impedir que os ídolos assaltem as nossas mentes, mas podemos preveni-las quanto a nelas dar-se guarida a espetáculos proporcionados pelas ficções teóricas vazias. A persistência dos assaltos sem que nenhuma resistência se lhes oponha pode tornar os ídolos do teatro “perpétuos, sem possibilidade de remoção [...]”⁷⁵ – instrumentalizar a luta contra o ininterrupto assédio das ficções, que findam por adoecer o entendimento, eis o objetivo do recurso ao repertório histórico das doutrinas filosóficas e de sua crítica.

As diversas soluções ofertadas ao problema do conhecimento estão relacionadas estritamente às avaliações das deformidades sofridas pela mente humana e, para tanto, é imperioso repertoriá-las. Quando assume a tarefa preliminar de recenciamento e descrição dos sintomas externos da patologia que imobiliza o espírito, a história funciona como antídoto contra os *idola theatri*, um auxílio na “cura da mente”.⁷⁶ O objetivo é que ela esclareça os homens acerca do mundo que os cerca, poupando-os de alguns erros em seus julgamentos e ações. A história nos ensina sobre as cadeias de causalidade que conecta os eventos, colocando-os em uma sequência, em uma continuidade que nos permite interpretá-los e apreender seu significado. Essa continuidade é criada por aquele que quer investigar o passado, selecionando os fatos que deseja colocar em perspectiva. É nessa acepção que um retorno crítico à história da filosofia ganha sentido.

O procedimento crítico associa-se, em Bacon, à noção de *redargutio* (às vezes traduzida como *recusa*). O conceito adquire originalidade ao se distinguir da simples refutação. Refutar envolve desenvolver um contra-argumento, uma oposição a

75 BACON, 1988, 1, LXVII, p. 37.

76 BACON, 1988, p. 6.

uma tese ou desaprovação de um argumento favorável à tese contrária, quer estejamos no contexto de diálogos sofistas e socráticos, quer de disputas medievais ou de controvérsias humanistas. No entanto, o que Bacon chama de *redargutio* implica não mais comentar, debater ou discutir as filosofias criticadas, porque a ruptura diz respeito aos próprios critérios de validação dos argumentos ou dos próprios princípios da filosofia, portanto das condições de um possível acordo. As filosofias desafiadas tornam-se então objeto de um exame, para saber por que um determinado filósofo sustenta tais teses e as argumenta desta ou daquela maneira. “O julgamento crítico, que Bacon chama de *redargutio*, é, por conseguinte, algo como uma historicização das filosofias passadas, usando a historiografia para explicar e denunciar o que é conhecido e de onde, no entanto, provém o presente da filosofia.”⁷⁷

Na verdade, a reprovação da filosofia é a mesma que atinge os filósofos. A vã filosofia indica, a um só tempo, filósofos vãos. A exposição dos erros da filosofia é, com precisão, estribada neste comentário: “Pois consideramos fúteis aquelas coisas que são falsas ou frívolas, aquelas nas quais não há verdade ou utilidade; e consideramos fúteis aquelas pessoas que são crédulas ou curiosas sem motivo [...]”.⁷⁸ Os filósofos e suas doutrinas não escaparam dos equívocos, quer em suas formulações teóricas, quer em seus resultados práticos, e acabaram por alimentar distorções que a religião, a política, as academias e, em geral, a tradição têm incutido nos homens.

Na história das artes mecânicas, sobretudo quando a comparamos com a da filosofia, observamos o seguinte auspício: aquelas seguem a cada dia o caminho da perfeição, como se estivessem dotadas de certo princípio vital; enquanto esta, tal como uma estátua, recebe honras e adorações, porém não se move. As artes mecânicas, com suas primeiras criações, eram rudes, quase dis-

77 MILANESE, 2014 a, p.2.

78 BACON, 2007, p. 45.

formes e custosas; todavia, seguiram adquirindo novas forças e comodidades. A filosofia, ao contrário, adquiriu seu apogeu e seu declínio com cada um dos primeiros autores. A melhor explicação para esses destinos contrastantes é que, nas artes mecânicas, os talentos de muitos indivíduos se combinam para produzir um único resultado, mas na filosofia, um talento individual destrói muitos.⁷⁹

Essas foram as razões pelas quais Bacon se dedicou a minar a reputação dos líderes das várias seitas filosóficas, especialmente as de Platão e Aristóteles. Recusou-se a segui-los nos mínimos detalhes de suas obras ou a discutir as conclusões individuais a que haviam chegado. “Não os acusou de desconhecerem sua arte; pelo contrário, considerou-os exímios mestres; o que neles recriminou foi a própria arte.”⁸⁰

A consequência de tantos séculos de desacertos materializa-se como especulação cuja utilidade é questionável. A utilidade pode constituir-se como parâmetro para estabelecer uma recusa dos preconceitos e das opiniões infundadas a partir de uma dupla perspectiva: por um lado, crítica à filosofia grega e aos seus seguidores por não gerarem frutos; por outro, denúncia dos que conseguem produzi-los, mas sem método algum, ou seja, sem garantir a verdade da filosofia. A relação que agora se introduz entre a utilidade e a verdade faz com que o lugar de sua crítica não seja voltado ao homem comum. “Se a verdade leva à utilidade ou não é uma questão de discussão filosófica, com os filósofos”.⁸¹

É por meio de uma visada crítica da história da filosofia que o Chanceler ressalta os ídolos do teatro e os esquemas que sublinham o poder enganador da linguagem e a importância dos arranjos individuais. Criticar é recuperar o domínio de si mesmo na investigação do pensamento e da experiência, tal como esboçado na advertência ao leitor contida nas páginas

79 BACON, 1863a., p. 136.

80 FARRINGTON, 1949, p. 69.

81 DUSSÁN, 2009, p. 107.

iniciais do *Novum Organum*: “procure, enfim, eliminar, com serenidade e paciência, os hábitos pervertidos, já profundamente arraigados na mente. Aí então, tendo começado o pleno domínio de si mesmo, querendo, procure fazer uso de seu próprio juízo”.⁸²

Referências bibliográficas

ARISTOTE. **Histoire des animaux**. Traduction par Pierre Pellegrin. Paris : Gallimard, 2017.

ARTICLE IDOLE/IDOLATRIE. In: DICTIONNAIRE de Théologie Catholique. Paris: Letouzey et Ané, 1922. Tome 7/1.

BACON, Francis. Cogitata et visa. In: SPEDDING, James; ELLIS, Robert L.; HEATH, Douglas Denon (ed.). **The Works of Francis Bacon**. Boston: Houghton, Mifflin and company, 1863a. v. VII.

BACON, Francis. De dignitate et augmentis scientiarum. In: SPEDDING, James; ELLIS, Robert L.; HEATH, Douglas Denon (ed.). **The Works of Francis Bacon**. Boston: Houghton, Mifflin and company, 1858. v. II.

BACON, Francis. **Novum Organum**. Tradução de José A. R. de Andrade. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Coleção Os Pensadores.)

BACON, Francis. Novum Organum, Distributio Operis. In: SPEDDING, James; ELLIS, Robert L.; HEATH, Douglas Denon (ed.). **The Works of Francis Bacon**. Boston: Houghton, Mifflin and company, 1857. v. I.

BACON, Francis. **O progresso do conhecimento**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

82 BACON, 1988, p. 9.

BACON, Francis. Redargutio philosophorum. In: SPEDDING, James; ELLIS, Robert L.; HEATH, Douglas Denon (ed.). **The Works of Francis Bacon**. Boston: Houghton, Mifflin and company, 1863. v. VII.

BOSSUET, J-B. **De la connaissance de Dieu e de soi-même**. Paris: Fayard. 1990.

CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DELEULE, Didier. **Francis Bacon et la réforme du savoir**. Paris: Hermann, 2010.

DELEULE, Didier. Introduction. In: BACON, Francis. **Récusation des doctrines philosophiques** et autres opuscules. Traductions de Georges Rombi et Didier Deleule, Paris: Hermann, 2009.

DUSSÁN, Maximiliano Prada. Crítica moral de Francis Bacon a la filosofía. **Folios**, n. 30, p. 99-114, 2009.

FARRINGTON, Benjamin. **Francis Bacon philosopher of industrial Science**. New York: Henry Schuman, 1949.

GARELLO, Hélène. Paradigme théâtral et pensée philosophique: Shakespeare aux origines de la modernité anglaise. **Revue de la Société d'études Anglo-Américaines des XVII et XVIII Siècles**, n. 73, p. 227-242, 2016. Doi: <https://doi.org/10.4000/1718.744>.

GONTIER, Thierry. **Le vocabulaire de Bacon**. Paris: Ellipses, 2003.

KIRK, Geoffrey S. ; RAVEN, John Earle ; SCHOFIELD, Malcon. **The Presocratic Philosophers**. A Critical History with a Selection of Texts. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

KOSELLECK, Reinhart. Geschichte. In: BRUNNER, Otto; CONZE, Werner; KOSELLECK, Reinhart (org.). **Geschicht-**

liche Grundbegriffe. Historisches Lexikon zur politisch-sozialen Sprache in Deutschland. Stuttgart: Ernst Klett/J. G. Cotta, 1975. v. 2.

MALHERBE, Michel. Bacon et la deductio *ad praxin*. **Revue Philosophique**, n° 1, p.7-22, 2003.

MILANESE, Arnaud. Critique et histoire chez Bacon. In: SEMINAIRE L'HISTOIRE AVANT LA PHILOSOPHIE DE L'HISTOIRE, Langres, 2014. **Rencontres Philosophiques de Langres**, Langres, p. 1-10, 2014a.

MILANESE, Arnaud. L'histoire de la science et de ses institutions de Bacon à Hobbes : un héritage critique. **Archives de Philosophie**, n. 77, p. 105-129, 2014b.

PASCAL, Blaise. Préface sur le traité du vide. In: **Oeuvres complètes**. Présentation et notes de L. Lafuma. Paris: Seuil, 1963.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Maria Helena Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.

PLATON. **Lois**. Traduction par Léon Robin. Paris: Gallimard, 1950. (Bibliothèque de la Pléiade).

Recebido em: 02/04/2025

Aprovado em: 21/07/2025

Edmilson Menezes

E-mail: edmilson@academico.ufs.br